

## COMO FOMOS RECEBIDOS EM PORTUGAL

*Temos o grato prazer de reproduzir e — ao mesmo tempo — de agradecer, os amáveis conceitos, para nós verdadeiramente estimuladores, que a revista Vértice, de Coimbra, publicou sobre a Revista de História, no seu número 82 (vol. IX), pp. 374/375, de julho de 1950. Aqui reproduzimos o que nessa revista escreveu o Snr. Rui Feijó:*

*“Revista de História — ano I, n.º 1 — Janeiro-março de 1950 — São Paulo. — Recebemos na nossa redação o primeiro número desta magnífica revista, órgão da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, de que é diretor E. Simões de Paula, professor de História da Civilização Antiga e Medieval da Universidade daquela cidade. Da Comissão de Redação faz parte o nosso compatriota Fidelino de Figueiredo que na Universidade de São Paulo leciona Literatura Portuguesa.*

*Dos seus objetivos dão bem idéia estas palavras do artigo de apresentação da autoria do diretor: “é oferecer aos estudiosos uma oportunidade de divulgação sistemática... dos trabalhos e pesquisas que o amor ao estudo e a dedicação ao trabalho propiciam e orientam”; e mais adiante: “Mas quer ter também outra finalidade; quer ser o traço de união entre a Faculdade e os professores de História do ensino normal e secundário. Para isso pretende fornecer-lhes bibliografias sempre atualizadas, interpretações novas de fatos históricos em geral, resenhas críticas de obras recentes, comentários desapaixonados à margem de assuntos controvertidos e documentos antigos devidamente estudados”. O que evidentemente implica uma ligação entre a Faculdade e a Nação através dos professores — fato de excepcional importância e pelo qual nesta revista sempre temos combatido.*

*Quanto ao espírito que os anima, à compreensão que têm da história, basta que se diga que o diretor se reclama do conceito de história de Lucien Febvre de quem a revista publica uma notável conferência sobre o “Homem do Século XVI” que o célebre professor do Collège de France proferiu na Universidade de São Paulo. Notável trabalho éste do Prof. Lucien Febvre cuja lição profunda devia*

ser bem meditada: o homem não é o mesmo no século XVI e no nosso tempo ; não quer dizer que seja melhor ou pior — com isso não pense que se deva preocupar o historiador pois todos os juízos que possa fazer são aferidos por uma moral que se demonstra não imutável; mas o homem do século XVI é completamente diferente do do século XX — na maneira de amar, de ser, de viver, no próprio desenvolvimento relativo dos sentidos então sobrelevando-se o ouvido, e hoje sendo mais desenvolvido o da vista. Este fato que só por si destrói muitas metafísicas, muitas tiradas sobre o homem-absoluto é para nós, portugueses, de uma importância enorme, se considerarmos que a esta luz não foi ainda vista a nossa história desse período glorioso. Mas não é só neste ponto que a conferência do Prof. Lucien Febvre é uma esplêndida lição e só podemos aconselhar vivamente a todos a sua leitura.

Do sumário, relevamos como mais importantes os seguintes artigos: de M. E. Austregésilo, "Pesquisas sobre a existência do ouro e prata no Planalto Paulista nos séculos XVI e XVII"; de A. Ellis Júnior sobre o "Ciclo da Muar" e ainda o relato da defesa de tese do Dr. Lourival Gomes Machado para a cadeira da Política da Universidade de São Paulo, Faculdade de Letras, que versou sobre o "Tratado de Direito Natural" de Tomaz Antônio Gonzaga e em que se trataram problemas que interessam tanto à história da cultura do Brasil como de Portugal.

A uma tão prometedora floração de estudos históricos (não esqueçamos que o Brasil tem historiadores e sociólogos de valor de Artur Ramos, Gilberto Freire e que lá surgiu Euclides da Cunha) não deve ser estranho o compreensivo intercâmbio de professores, pois na Universidade de São Paulo tem ensinado professores estrangeiros de grande categoria. O nível de uma publicação como esta deve-se, sem dúvida, à tradição dos estudos históricos no Brasil hoje brilhantemente mantida por historiadores e sociólogos de justo renome, mas também, ousamos adiantá-lo, ao espírito compreensivo que tem feito que homens como Braudel e Morazé hajam ensinado nas Faculdades brasileiras, trazendo às novas gerações o mais adiantado nível de investigação histórica.

À nova revista brasileira desejamos larga expansão em Portugal, uma longa vida e que ajude a realizar essa bela obra que em parte é comum às duas nações: a história de Portugal e do Brasil."

E. SIMÕES DE PAULA